



Morte e vida severina - uma análise semiótica baseada em Umberto Eco¹

STAUDT, Alexandra. FADEP – Faculdade de Pato Branco²
RABAIOLLI, Janderle. FADEP – Faculdade de Pato Branco³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar um trecho do poema de João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina. A análise aplicada leva em conta os conceitos de semiótica de Umberto Eco, autor que, como Melo Neto, caracterizou-se pelo jogo de linguagem, pela ambigüidade e metáfora na linguagem, que enriquecem o discurso e as possibilidades de interpretação por parte do leitor. Este estudo pretende seguir o perfil semiótico de Umberto Eco, que se destaca pelos seus estudos referentes à cultura, às diferenças culturais, e do contexto em que o signo encontra-se, possibilitando melhor compreensão de seus significados e interpretações.

Palavras-chave: semiótica; Morte e Vida Severina; Umberto Eco.

Introdução

Nascido em 1920, na capital Pernambucana de Recife e filho de dono de engenho, João Cabral de Melo Neto é conhecido como o mais importante poeta da geração de 45. Admirado pelo caráter objetivo de suas palavras, o escritor cria um novo conceito de poesia que dessacraliza a poesia profunda, isto é, os versos de sentimentos ou de abordagem introspectiva.

Escrita em 1955, Morte e Vida Severina, destaca-se justamente pela objetividade característica de João Cabral de Melo Neto, que, com extrema clareza, retrata um dos maiores problemas sociais brasileiros, o dos retirantes nordestinos. O trecho escolhido para a análise é o primeiro: o retirante explica ao leitor quem é e a que vai.

A semiótica é tradicionalmente conhecida como o estudo dos signos e suas representações e é baseada na semiologia, também conhecida como semiótica estruturalista, que tem como precursor Ferdinand de Saussure, lingüista que estabeleceu sua linha metodológica na ruptura entre língua e fala, e mostrou que um signo é composto por duas

¹ Trabalho apresentado no GT – Teorias da Comunicação, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Acadêmica do 5º período do curso de Comunicação Social: Jornalismo, da FADEP – Faculdade de Pato Branco. E-mail: ale.jornal@yahoo.com.br.

³ Professor do curso de Comunicação Social da FADEP – Faculdade de Pato Branco. E-mail: rjanderle@hotmail.com.



partes, significante e significado. Seguido por vários estudiosos, de diferentes correntes, o autor francês tornou-se referência nos estudos da linguagem, mesmo que alguns autores tenham complementado sua linha teórica de estudo.

A partir de Saussure, o marco da semiótica paira sobre Charles S. Peirce, também conhecido como pai da semiótica. Pelo estabelecimento da tríade peirciana, o autor desenvolveu um método que, segundo sua concepção, pode analisar qualquer fenômeno semiótico, independente de sua natureza. São os signos, índices e símbolos os principais focos de estudo do autor, estabelecidas as relações possíveis dentro do campo de interesse do estudo.

A partir das concepções teórico-metodológicas dos fundadores da disciplina, vários autores deram prosseguimento nas áreas teórica e aplicada. O italiano Umberto Eco foi um deles. Ensaísta de renome mundial, nasceu em Piemonte, na Itália em 1932, competente professor da Universidade de Bolonha, atuou como colunista da revista semanal “L’Espresso”, é autor de artigos de opinião e de romances como “O Nome da Rosa” e “O Pêndulo de Foucault”. Dedicado ao campo semiótico, o autor transfere seus estudos sobre sinais, signos e significados aos romances, que geralmente têm um fundo cultural por detrás da história.

O autor primou pelos estudos de objetos lingüísticos, verbais e não-verbais, que se caracterizam pela pluralidade de interpretações. A linguagem parece um brinquedo nas interpretações do autor, que em seus estudos partiu das possibilidades de interpretar e reconhecer códigos que se manifestam nos fenômenos comunicativos, nas mais variadas formas de expressão.

Umberto Eco primou pela cultura como objeto de estudo, o que faz acreditar que, para ele, a semiótica é um estudo sógnico da cultura ou de códigos que tem base em convenções culturais. Assim, avaliar Morte e Vida Severina cabe perfeitamente na perspectiva de análise de Eco, respeitando o contexto sociocultural intrínseco nas entrelinhas. O objetivo deste artigo é tecer uma análise contextual da obra de João Cabral de Melo Neto, com base na semiótica de Eco, dando ênfase à visão de cultura enquanto fenômeno de significação e comunicação.

A semiótica de Umberto Eco

As contribuições de Umberto Eco para a semiótica são incontestáveis, tanto na área teórica quanto na aplicada. O pensamento do autor demonstra que toda intervenção no campo



semiótico resulta de um remodelamento da paisagem semiótica, fato que é contínuo e repetido pela aplicação prática da disciplina e pelo aprofundamento teórico. Toda linguagem é passível de uma interpretação única, mesmo que já analisada.

A semiótica para Eco pode ser entendida como um “programa de pesquisa que estuda todos os processos culturais como processos de comunicação”, aponta Noth (1996, p. 169). A cultura é um sistema complexo de signos, por isso merece fazer parte dos estudos semióticos. A cultura é integrante do processo comunicacional e sua análise, seja por filme, peça publicitária, textos ou outros materiais, é a busca pela identificação dos traços culturais nela contidos.

Eco descreveu os limites da semiótica de forma bastante restritiva, particularmente em três critérios, o cultural, o comunicativo e o mentiroso.

Conforme o critério cultural, uma semiótica natural, que estuda os signos da natureza, não deveria existir. Conforme os critérios de potencial mentiroso, a semiótica só devia tratar de mensagens intencionais, pois a essência da mentira é ser intencional. Finalmente, o critério do comunicativo, na definição de Eco, pressupõe uma mensagem codificada em um código convencionalizado entre os participantes de uma dada cultura (NOTH, 1996, p. 170).

Para entender o campo semiótico de Eco é importante ater-se a sua teoria dos códigos, pois todo código tem sua convenção cultural. Um código, para Eco, tem como critério a convencionalidade, ou seja, deverá ser comum aos dois lados do processo comunicativo. A desordem estatística do código é corrigida pela quantidade probabilidades de formação da mensagem. Exemplificando um processo de informação, o autor italiano aponta que

o código introduziu uma ordem dentro do sistema físico e reduziu as possibilidades de informação, mas relativamente às mensagens que pode gerar, ele próprio constitui, embora de modo reduzido, um sistema equiprovável (que só pode ser limitado pela emissão de uma mensagem única) (ECO, 2003, p. 18).

O código não é posto em discussão pela máquina que transmite o código, a não ser que o transmissor seja um ser humano, situação em que a fonte e o código passam a identificar-se. Ao usar a máquina como referência, o mundo será do *sinal*; com a inserção do homem, passa-se ao universo do *sentido*, ou seja, adentra-se no *processo de significação*, onde “o sinal não é mais uma série de unidades discretas computáveis em bits de informação,



e sim uma forma significativa que o destinatário humano terá que suprir de significado” (ECO, 2003, p. 21).

Eco aponta que o signo somente tem significação se socializado, ou seja, o processo de significação é a imersão da mensagem em um sistema social. É na mente do intérprete que um signo se forma, adquire significado e realiza o processo de comunicação com base na bagagem do indivíduo, construída a partir da cultura compartilhada nos grupos sociais de convivência e afinidades. “Quanto mais a mensagem for ‘aberta’ a decodificações diferentes, tanto mais a escolha dos códigos e subcódigos sofrerá a influência não só da circunstância de comunicação, como das predisposições ideológicas do destinatário”, afirma Eco (2004, p. 125).

A elaboração de uma mensagem busca, justamente, encaminhar o receptor para uma interpretação única, ou ao menos similar no grupo social, da mensagem. É assim que o discurso publicitário, por exemplo, atua, com seus objetivos de construir marcas com posicionamento claro em seu público consumidor, colocado como significado de determinado adjetivo. O poema também busca uma interpretação, talvez mais aberta, livre ao pensar do seu leitor, dependente, é claro, de sua cultura e conhecimento das relações que ele tenha com a realidade que serviu como base de produção.

Eco primou pelo jogo da linguagem, como na mensagem com função estética, onde apontou o jogo de metáforas e ambigüidades em relação ao código. Uma mensagem ambígua, para o autor, é extremamente informativa, pois permite variadas interpretações, característica das próprias obras de Umberto Eco, que faz questão de prezar o poder de interpretar do seu leitor. *Morte e Vida Severina* também pode ser enquadrado como uma obra de múltiplas possibilidades de interpretações, por suas características peculiares, analisadas a seguir.

Análise semiótica do poema *Morte e Vida Severina*

Mundialmente conhecido, o poema *Morte e Vida Severina*, serve como tema de estudo para inúmeros vestibulares em todo o Brasil. Nele, está descrita a trajetória de um retirante nordestino, de nome Severino. Severino é um típico sertanejo do nordeste brasileiro, homem pobre com pouca instrução que luta diariamente pela própria sobrevivência.

Severino se apresenta e justifica seu nome, afirmando chamar-se apenas assim, “Não tenho outro de pia” (NETO, 1994, p. 29). Cabe lembrar que o nome Severino vem do latim,

severo, que significa ver, aquele que é austero, incorruptível. Esse nome é bastante comum no Nordeste brasileiro, entretanto, considerar a personalidade de Severino como ástera neste trecho do poema não seria cabível, pois, ele próprio faz alusões cômicas a sua aparência e ao meio em que está inserido. Além disso, o caráter incorruptível do personagem também pode ser questionado, já que o mesmo cita com naturalidade de fatos moralmente inaceitáveis, como emboscadas e assassinados; o que em sua cultura e repertório seria comum, e por isso, admissível. Sendo assim, creio que a escolha do autor pelo nome do personagem tenha sido unicamente por seu caráter corriqueiro, no nordeste brasileiro.

Severino faz referência a Zacarias, nome também comum, devido a um coronel que teve este nome “e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria” (NETO, 1994, p. 29). Sabemos que nesta região do Brasil, são os coronéis, donos de grandes extensões de terra que comandam a vida dos sertanejos. “Autoritários, desconfiados, nepotistas, assistencialistas, fofoqueiros e dados a intrigas. Os famosos coronéis nordestinos eram tudo o que se pensava deles” (NEGREIROS, 2001). Coronel, em outro contexto poderia ser o comandante de um regimento das forças armadas. No contexto sociocultural em que se passa o poema, entretanto, poderia se tratar de um grande dono de terras, ou chefe político do local. A significação de um coronel representa o poder tido nas mãos pelos senhores das terras em que Severino transita, assim como seus semelhantes, lutadores contra as condições de um clima seco, uma vida sofrida, mas com dignidade que o próprio nome carrega consigo.

Sobre contexto sociocultural, Umberto Eco afirma que a semiótica é um estudo de códigos, em que cada um deles, é baseado em uma convenção cultural. Eco quer representar o uso do código não somente como um processo limitado, mas os processos criativos de modificação do próprio código. O autor exemplifica a diferença entre os códigos e significados de acordo com o contexto.

Sigma desce e se depara com três cabines estreitas. Uma regra lhe diz como usar uma das fichas que tem no bolso e um sinal sonoro lhe diz se a linha está livre. Esse sinal é diferente do que ouve na Itália, e por isso ele deve conhecer uma outra regra para decodificá-lo. Agora olha o disco à sua frente com as letras do alfabeto e os números. Sabe que o médico que procura corresponde, por um código muito sutil. As letras referem-se também a um bairro particular da cidade, mas cada letra significa também um número, de maneira que se ligasse para Paris, de Milão teria de substituir DAN pelos números correspondentes, porque o telefone italiano corresponde a outro código (ECO, 1980, p. 256).

Neto, em seu poema, faz menção a Serra da Costela, que, em sua obra, ficaria localizada no limite entre os estados de Pernambuco e Paraíba. Esta serra, de acordo com o



professor da Universidade Federal da Paraíba, Eduardo Pazera, não existe, trata-se de um local fictício, criado pelo poeta para ser o início da viagem de Severino, muito embora possua características típicas da região, possibilitando ao indivíduo acostumado com a vida do sertão inclusive vislumbrá-la, pela proximidade com que é apresentada em sua descrição.

O homem nordestino é um ícone dentro da cultura brasileira, com características difundidas pelos poemas, pela mídia, pela comunicação no âmbito geral, que muitas vezes até o estereotipa, para satisfazer a uma indústria cultural. É importante citar o trecho do poema em que o autor fala do perfil do homem nordestino, como segue.

Somos muitos Severinos
Iguais em tudo na vida:
Na mesma cabeça grande
Que a custo é que se equilibra,
No mesmo ventre crescido
Sobre as mesmas pernas finas,
E iguais também porque o sangue
Que usamos tem pouca tinta (NETO, 1994, p. 30).

Este trecho apresenta sinais claros de conformismo de Severino diante de sua sina. Apresenta signos com significados distintos. São sinais da vida sofrida do homem nordestino, vítima do descaso e da subnutrição, como também dos vermes. A cabeça grande a que Neto se refere não é exatamente uma anomalia humana, de um homem pequeno com cabeça gigante. Esta parece grande se comparada ao corpo magro e esguio, talvez até frágil dos tantos Severinos que sobrevivem ao nordeste brasileiro.

A realidade da região nordestina está incutida no poema apresentado. São muitos os Severinos, muitos que sofrem com a situação de seca e descaso, que são marcados em seu biótipo, que vêem a grande custo o tempo passar e a vida contar os anos. Em meio ao conformismo, a condição de explorar mais uma característica do povo nordestino, a cabeça que equilibra a pouca água que conseguem e que eles carregam, de um lado para outro, na fuga da seca e da falta de condições.

Ainda sobre a realidade os habitantes do nordeste brasileiro, o poeta fala da morte que, para este povo sofrido, vem muito cedo. Menciona também, os abortos decorrentes de doenças e as conhecidas emboscadas, que por lá, acontecem com frequência.

E se somos Severinos
Iguais em tudo na vida,
Morremos de morte igual,
Mesma morte severina:
Que é a morte de que se morre



De velhice antes dos trinta,
De emboscada antes dos vinte,
De fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
É que a morte severina
Ataca em qualquer idade,
E até gente não nascida). (NETO, 1994, p. 30).

Esta morte de velhice, antes dos trinta a que Severino se refere, faz alusão novamente ao sofrimento, ao sol, à sede, que envelhecem o homem com maior rapidez. É importante lembrar que a expectativa de vida ao nascer, no Brasil, em 1955 era de aproximadamente 50 anos. A morte severina a que o poeta se refere seria, portanto, uma morte severa, que ataca em qualquer idade, em decorrência do sofrimento.

A severidade da realidade nordestina marcada pela morte nas lutas e batalhas que construíram a história do país também é demarcada. São emboscadas em meio ao sofrimento esfomeado do povo, da falta de perspectiva, do esperar pela morte enquanto ela não chega, de morrer antes mesmo de nascer. Justamente o nascer, a fertilidade das mulheres muitas vezes sem controle, que nos é mostrada como uma passagem à vida Severina, que levará o indivíduo a um único caminho certo, a morte.

Por fim, Neto escreve sobre a seca, ao trabalho na terra e á difícil tarefa de obter alimento através dela. O poeta refere-se a terra como algo morto que virou apenas cinzas, como se pode notar:

Somos muitos Severinos.
Iguais em tudo e na sina:
A de abrandar estas pedras
Suando-se muito em cima,
A de tentar despertar
Terra sempre mais extinta,
A de querer arrancar
Algum roçado da cinza. (NETO, 1994, p. 30).

A cultura do roçado, do plantio, do cultivo de pequenas culturas no trabalho manual das ferramentas é evidente no discurso de Neto, pois amolecer pedras não é um trabalho comum, é típico do sofrimento, do esforço do nordestino brasileiro. O cultivo da terra também não apresenta expectativas para Severino, talvez por ser fadado a sofrer, como o texto enfatiza, ou mesmo por não existir mais terra, como a que ele sonha para a cultura farta, a terra extinta.



Considerações finais

Diante das afirmações e trechos abordados, cabe considerar, enfim, que *Morte e Vida Severina* é um poema de profundo apelo social. Nele, João Cabral de Melo Neto, utiliza-se de códigos próprios da cultura nordestina, alguns inclusive de difícil decodificação. Traz signos e símbolos da língua portuguesa para expressar significantes distintos dos convencionais

Através do poema, em sua múltipla linguagem, o autor permite ao leitor deslocar-se de seu mundo para ingressar em uma outra época, e local, com códigos e regras de decodificação diferentes das usadas em seu cotidiano, no reconhecimento dos possíveis significantes de um único signo.

Referências bibliográficas

- NETO, João Cabral de Melo. **Morte e vida severina e outros poemas para vozes**. 34. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- PEREIRA, José Aroldo. **Curso Básico de Teoria da Comunicação**. Rio de Janeiro: Linear, 2005.
- ECO, Umberto. **O Signo**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- ECO, Umberto. **Tratado Geral de Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- ECO, Umberto. **A Estrutura Ausente**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- NOTH, Winfried. **A Semiótica no Século XX**. 2. ed. São Paulo: Linear B, 1999.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.
- NEGREIROS, Adriana. **Intimidades do coronel**. Veja, São Paulo: n. 1.731, dez. 2001.